

**GRUPO  
DIVULGAÇÃO**

# **Erguei as Mãos!**



**GRUPO  
DIVULGAÇÃO  
2007**

**José Luiz Ribeiro**

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**41 anos de teatro para o povo**  
apresenta

---

**Erguei  
as  
Mãos!**

**de José Luiz Ribeiro**

**Forum da Cultura**  
maio - junho  
2007

## Vendilhões do Templo

*José Luiz Ribeiro*

“Erguei as mãos” é uma reflexão sobre o único episódio bíblico em que Cristo perde a paciência e expulsa os vendilhões do templo. “Não façais da casa de meu pai uma casa de negócios”, disse o Senhor de chicote na mão. O mundo atual, orientado pela sociedade de consumo, atravessa tempos difíceis. A busca de lucro penetrou a sociedade e corrompeu valores morais e éticos. São tempos que clamam pela reconstrução do homem e o resgate da humanidade.

O teatro, na sua essência, sempre espelhou o mundo e mostrou falhas de caráter. Ao criticar personagens negativos ele expõe mazelas e clama por um julgamento social, onde a justiça triunfe e torne os homens melhores. O trabalho que entra em cartaz tenta mostrar um retrato destes tempos sem sol.

O roteiro é pontual e focaliza um exemplo corriqueiro do cotidiano brasileiro. Um casal de classe média alta, em ampla decadência financeira, observa, perplexo, um estado populista que, além de manter a população pobre como refém de bolsas inoperantes, contribui para a implosão da auto-estima de milhares de dependentes econômicos.

Quando a realidade, recheada pela violência das balas perdidas, assaltos, seqüestros, corrupção e injustiça, invade a vida privada, enchendo de insegurança e medo a alma do cidadão, é hora

de tomar decisões e buscar alternativas.

Diante da crise financeira, Artur um funcionário público aposentado, comete pequenos pecados absolvidos por seu estado de carência. Sua saída é escapar da realidade e ingressar num plano simbólico, criando um personagem para mudar sua vida. Quanto maior a tecnologia, maior a necessidade de magia. Assim, ele busca sanar as falhas de vida do cidadão comum e embarca no tráfico da fé.

Numa sociedade onde a educação passou a ser realizada em escala industrial, onde universitários se formam e são recusados pelo mercado de trabalho cada vez mais exíguo, criar um Curso Ecumênico, de formação de líderes espirituais, aberto e pleno de paixão, é a grande solução.

Entrando na indústria da fé, usando a metodologia da comunicação, Artur se torna reverendo, Emília se torna irmã e Atanásia, a empregada, vira obreira. A micro-empresa caminha para tornar-se um grande negócio, pois a fé remove montanhas. E fé não se discute, tem-se ou não. A sociedade do espetáculo é regida pela imagem. Esta imagem automatizada passa a dar uma visão estereotipada e maniqueísta do mundo.

Diante deste painel o brasileiro identificará ações inclusivas, onde quem convence vende melhor sua mercadoria. A velha retórica aristotélica surge com nova roupa, iluminada por um século de novas luzes em que o néon inclui Deus no altar dos Super-heróis.

## Uma sociedade em estado de apocalipse

*Márcia Falabella*

As trombetas anunciam: a sociedade agoniza, padece de uma doença de sintomas avassaladores. Diagnóstico: falência múltipla dos órgãos de manutenção do corpo social.

A família implodiu. Casamentos desfeitos pela intolerância, pelo egoísmo, pela falta de respeito, por anseios individuais de conquistar uma felicidade pré-fabricada e pirateada pela mídia, geram órfãos de amor, de carinho e de modelos de conduta e de caráter. São gerações de seres desgovernados e perdidos, marcados pelas relações fugazes e automatizadas.

A política deixou de lado a inteligência, a sutileza dos argumentos verdadeiramente de sentido social e a paixão pelas idéias, e passou a seguir a cartilha da corrupção e da ambição desmedida. Nossos políticos ouvem o chamado dos anjos decaídos que pregam o poder e a vaidade. E, uma vez mais, trilham os caminhos do individualismo e da ganância.

A justiça demonstra que é realmente cega, inoperante, incapaz de enxergar ações de coerência e de correção. Nossos magistrados, como nossos políticos, estão preocupados com seu salário. É preciso enriquecer, morar numa mansão, ter os carros mais modernos, as melhores roupas e viajar pelo mundo globalizado.

A educação está com Alzheimer. Perdeu a conexão com a realidade. Ensinar o quê, num mundo em que as pessoas acham que já sabem tudo? Ensinar o quê, num mundo sem modelos, sem leis, sem normas? Ensinar o quê, num mundo raso, em que a cultura é supérflua e o conhecimento tecnicista? Ensinar o quê, quando o aluno tem que ser aprovado de qualquer forma e o diploma é mais importante do que o saber?

A religião perdeu seu caráter divino e se tornou uma indústria

da fé. O ritual sagrado virou um espetáculo midiático. As religiões estão em guerra, disputando os fiéis, investidores em potencial, que buscam sua salvação terrena. E todos se esquecem que Deus é um só. E salve-se quem puder, ou melhor, quem pagar.

O mundo se tornou um jogo sem regras, onde é impossível existir vencedores. Não há chance de sobreviver no caos. Vivemos numa sociedade de perdas. Infelizmente, sem que percebêssemos, fomos tomados pelas pequenas corrupções do dia a dia, fomos esquecendo os verdadeiros laços de fraternidade e de respeito, de ética e de convivência, fomos nos tornando autômatos, presos a um cotidiano eletrizante, estressante, em que falta-nos tempo.

Tempo para cumprir nossas tarefas e funções diárias, é bem verdade. Mas falta-nos tempo, e também sensibilidade, para aproveitar as pequenas felicidades que nos passam despercebidas – um sorriso amigo, a presença das pessoas queridas, a possibilidade de ser útil a alguém, um abraço, uma flor e mesmo um silêncio.

O consumo, o individualismo, a prepotência e a ambição são os verdadeiros cavaleiros do apocalipse, disseminando a barbárie, a violência, a incompreensão, o egoísmo, o ódio, o sofrimento e o rancor entre as pessoas. O homem perdeu sua essência de sociabilidade. Esquecemos que somos seres sociais e que só existimos porque o outro existe e nos completa.

O ciclo se fecha à sombra do apocalipse. Eram proféticas as palavras do Senhor, no Gênesis: “tu és pó e em pó te hás de tornar”. Se o ser humano não mudar, não buscar outros modelos baseados no respeito, na tolerância, no amor ao próximo, tudo estará consumado, consumido e acabado.

E é nesse contexto de valores áridos e decadentes que o Divulgaçãõ faz do palco, uma vez mais, sua arena, seu espaço de luta, mostrando que o teatro como arte social deve compreender seu tempo e falar para sua gente. Vamos erguer as mãos e fazer um mundo melhor.

## No princípio era o verbo

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

O universo do Sagrado é uma simbólica que vem acompanhando o homem desde sempre – ou assim o registram tratados das mais diferentes áreas. Há “desde sempre” nas organizações tribais mais primitivas a necessidade de atribuir o inexplicável a um espaço outro que não seja o da razão. Costumamos chamá-lo transcendência e deixar sua ordenação a cargo dos cultos, das religiões. Costumamos também, para melhor conciliar nossa dupla condição de animal racional a considerá-los mitos e para tanto construirmos narrativas fabulosas em que a palavra se torna uma forma de dominar esse espaço caótico. Nomeando, temos a sensação de estabelecer uma forma de comunicação e tomarmos em nossas mãos as rédeas de nosso destino. Não bastando isto, criamos ritos, ou seja, representações práticas em que estas palavras se corporificam e se dividem entre todos, formando as comunidades de fé – o nome que escolhemos para penetrarmos no mundo da não-razão, do inexplicável.

Essas palavras se tornam, então, sagradas, capazes de resistir ao tempo, de conciliar o cotidiano prosaico e finito e a sede humana de eterno. São, portanto, palavras mágicas, capazes de dominar o perigo que mora no sagrado: o da perdição pelas imperfeições humanas e o da salvação pela fé. Crenças se fundam na palavra sagrada e por isto elas compõem estratégias de purgação e piedade. Elas são o tecido simbólico que envolve o mistério contido sobretudo no desígnio fatal de só se compreender a vida, vivendo e a morte,

morrendo. E essas são nossas únicas certezas.

Numa sociedade que cultua a razão e volta as costas para o mistério, que sofre da vaidade de desvendar – mais cedo ou mais tarde – todos eles, as religiões tentam quebrar a magia suprema da palavra sagrada, impregnado-a de comunicabilidade. Surgem assim alterações na liturgia dos ritos, como o abandono do Latim nas missas católicas, os cânticos, a dança e os ritmos contemporâneos, os abraços, a quebra hierárquica entre ministros sagrados e leigos, entre outras metamorfoses. A palavra sagrada se reveste quase publicitariamente, e os entes transcendentais a quem se dirigem também. Há o Cristo Morto, o Cristo Vivo, a presença da representação humanizada das divindades ou seu exílio completo, enfim, uma fragmentação dos cultos que ora se sobrepõem sincreticamente, ora se unem ecumenicamente, ora se confrontam em guerras concretas. E não poderia ser diferente, já que para ultrapassar o universo concreto da razão o homem mergulha no imaginário (afinal, a escultura sagrada não se chama imagem?).

Há formas estratégicas também no interior dos ritos, que vestem a palavra em seu trânsito perigoso entre sagrado e profano. Assim, o “pecado”, “erro”, “desvio”, o próprio sofrimento se torna “o fundo do poço”, as confissões de fé se apresentam diante da televisão, onde as intimidades se tornam explícitas, ou – contrariamente, se fazem no íntimo de cada um em ligação direta com o divino. Enfim, a palavra mostra, no seio do sagrado, toda a força de sua energia fundadora do homem, pois ele é o único animal que fala e o único capaz de morrer por seus símbolos e crenças.

## A função do espetáculo

*José Eduardo Brum*

Antes de tudo, o teatro sempre foi um espetáculo. Ao contrário do que imaginamos, “o espetáculo não é um conjunto de imagens”, como afirmou Guy Debrord, “mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

Em primeiro lugar, o teatro é uma arte desenvolvida por uma comunidade para que seja vista, ouvida e sentida por ela. São pessoas tentando afetar outras pessoas. Além disso, visa a participação de quem assiste, seja rindo, chorando, refletindo ou agindo. A ressonância é essencial para que o espetáculo atinja a sua finalidade.

Embora seja um acontecimento irrecuperável no tempo, a sua força tem o poder de persistir e de pairar sobre as pessoas. Há séculos a humanidade utiliza suas manifestações culturais com uma simples finalidade: conhecer a si própria e entender o que a cerca. Antigamente os mitos eram recursos tribais cercados de magia e de mistério que carregavam uma verdade absoluta e um ensinamento. Hoje os nossos mitos são passageiros e, na maioria das vezes, criados pela TV.

Através da cultura, o homem estabelece relações de significado e processos de comunicação variados. Os signos permitem que o indivíduo se torne um ser humano capaz de viver em conjunto. Na sociedade contemporânea, a cultura foi invadida pela supremacia das imagens convergida em espetáculo que só busca o prazer. A tríade beleza-juventude-amor é mais forte que a tríade sagrada do pai-filho-espírito santo. Em qualquer coisa que se faça, busca-se o dinheiro. Antes de nos tornarmos cidadãos, viramos

consumidores.

“Erguei as Mãos!” é um pequeno retrato dessa conjuntura atual. O texto mostra como as coisas perdem o seu valor perante a sociedade de consumo. Artur e Emília são o retrato de quem perdeu o seu valor. Eles foram honestos a vida toda, mas acabaram “seguindo a correnteza”, quando perceberam o quanto a situação é injusta e triste.

Apesar de haver a dúvida se será aceita ou não, a peça propõe a análise de uma situação cada vez mais periódica. As pessoas abdicam de suas essências para alcançar bens materiais. Atingimos o ponto de não ajudarmos ao próximo, porque temos medo. Estamos fechados dentro de casa vendo notícias que narram um mundo cada vez mais impiedoso e banal. Essa é a sociedade boa e justa que tínhamos em mente?

É por essa razão que o teatro supera qualquer produção dessa indústria de massa. Sua função é mais significativa do que nos entorpecer com imagens violentas e dinâmicas. Ela aflora reações nas pessoas e acaba incomodando. “Erguei as Mãos!” traz um tema ardiloso que pode provocar duas reações fortes: o choque, ou o horror. Se sentirem o choque, as pessoas ficarão paralisadas e suas mentes vão se enchendo aos poucos das informações que a peça traz. Mas se sentirem o horror, ele as fará correr, extrapolando tudo o que há em suas mentes.

Mexendo com nossos sentidos e nos sensibilizando, este grandioso espetáculo nos abala, desconcerta e nos faz refletir, queiramos ou não. E dessa forma atinge a sua função primordial: traçar um panorama do momento em que vivemos, porque “um país se apresenta pelo teatro que representa”. Essas são sábias palavras de Paschoal Carlos Magno que nunca perderão o seu significado.

## Velhos conhecidos

Augusto França

Os tempos modernos chegaram, lá por volta de 1916, marcados pelo livro do psicólogo alemão Hugo Münsterberg, *The Photoplay*. As novas técnicas introduzidas a partir da invenção da fotografia, o kinetoscópio de Thomas Edson, o Cinematógrafo dos Irmãos Lumière, trazem à vida uma nova arte, que cria suas engrenagens em cima da literatura, da pintura e da interpretação teatral, que absorve e se apodera do gosto, da memória, da imaginação e da emoção dessas artes. Nasce o cinema, é o fim do teatro.

Poderia isso acontecer de verdade não fosse o fato de o teatro ser fruto e prova da resistência de quem o faz e de como o faz, da arte sobre a técnica. Teatro é o ser humano, sua essência colocada diretamente na face do espectador é a vida, e a vida não pára, não se extingue quando nasce uma nova. Ver o trabalho do Divulgaçã o é perceber essa história de resistência talhada, muitas vezes a duras penas, em rostos de milhares de espectadores que há 41 anos podem ter o prazer de se emocionar e de aprender com as montagens do Grupo, e, claro, de centenas de atores que ali passaram e aprenderam um pouco mais sobre essa "vida".

Marcas são deixadas em cada alma que tem contato com este intenso trabalho. Das risadas nos corredores da UFJF quando um ator desavisado, que está em cartaz com uma comédia, passa aos olhos brilhando de Dona Maria do Céu, educadora juizforana, falecida em 2002, aos 100 anos, quando dizia: "o Divulgaçã o? Eu via aqueles meninos todos os dias ensaiando nas salas de aula, abria a porta devagarinho para escutar. Que idéia maravilhosa essa de divulgar a poesia!". Pois foi ali, nas salas da antiga Faculdade de Filosofia e Letras, nos anos 60, que essa luta começou, com a permissão, inclusive, da faxineira, que deixava "aqueles meninos" ensaiarem. A vassoura ficava atrás da porta para que eles varressem a sala e arrumassem as cadeiras para ela. Era esse o acordo.

Vieram os anos 70, o final da ditadura, a censura que calou personagens, a luta pelo espaço, a opção pelo trabalho com a Universidade Federal de Juiz de Fora. Aqueles meninos estavam crescendo, amadurecendo e criando um trabalho com qualidade tão superior que chamou a atenção de grandes mestres como Paschoal Carlos Magno, amigo do grupo até o final de sua vida. Os anos 80 deram frutos que estão ainda em cartaz, costurando as próprias roupas, dando seu dia-a-dia pelo amor de se fazer teatro. Grandes montagens nesse período fértil, prêmios em festivais e o início de um dos projetos dos mais importantes do teatro nacional: o "Escola de Espectador" dá oportunidade para os alunos conhecerem o tamanho da cultura de nosso povo. Nos anos 90, os meninos, já grandes, agora dão passos maiores, estendem o projeto das escolas para as comunidades, criam núcleos de estudo para adolescentes e para a terceira idade. Anos 2000, um mundo diferente, pessoas plugadas na internet, comunicação on-line, cursos de línguas. A procura pelo conhecimento parece cada vez mais simples, o clique do mouse na web e qualquer um sabe sobre qualquer coisa, e o Divulgação comemora, em meio a esse mundo totalmente acelerado, seus 40 anos de uma arte feita, literalmente, pelas mãos de cada um que ali passou.

Nunca foi fácil fazer teatro no mundo, no Brasil ou em Juiz de Fora. Essa arte precisa se modificar e se adaptar para sobreviver aos tempos que sempre são novos. No teatro, é fundamental o elemento humano, para ver e para fazer, e depende da qualidade do mesmo para se manter. Apesar da luta diária do Grupo Divulgação, a resposta é imediata e gratificante, basta ir a um espetáculo e depois parar para ver cada rosto que dali sai, cada sorriso iluminado pela chama dessa luta. Como é bom ver esses espectadores com o ar de quando encontramos velhos conhecidos que há muito não vemos, numa mistura de saudade e alegria.

Palmas, de pé, pro GD, e força, muita força para pelo menos mais 41 anos!

## O público fala sobre o Divulgação

“Parabéns por levarem o teatro para a escola, pois assim incentivam o interesse dos alunos pela cultura.”

Edson Pereira dos Reis, 44, aux. administrativo.

“É um grupo que transmite mensagens que restituem os valores perdidos pela sociedade.”

Maria Margarida, 50

“Apesar das dificuldades perdura entre os melhores grupos do Estado.”

Pablo Navarro, 24, técnico

“40 anos de trabalho, buscando a excelência no que se faz. Que venham os próximos anos, maturidade vocês já tem.”

Edson Munck, 19, estudante

“Acho um exemplo de profissionalismo e inspiração para muitos artistas da cidade.”

Gilberto Alves, 21, autônomo

“Espetacular símbolo e orgulho de nossa cidade.”

Vera Lúcia Tassi, aposentada

“Cultura ao alcance de todos. Destaque para o humor em temas sérios.”

Maria das Graças de Paiva, 56, do lar

“Com texto excelente e elenco de primeira, o GD nos traz a cada peça um momento mágico de dramatização da realidade.”

Érica de Paula Duque, 20, estudante

“O GD possui uma invejável organização, tanto no atendimento quanto na peça teatral. Além dos atores serem muito bons.”

Livia Machado Mianna, 19, estudante

“Teatro com crítica social e humor inteligente.”

Luiz Felipe Ferreira Stevanim, 19, estudante

“Contribui para o preenchimento de uma lacuna da arte cênica de Juiz de Fora.”

Francislaine Neves, 32, professora

“Um grupo muito competente que usa a arte para tratar de assuntos atuais em relação à sociedade.”

Amanda Oliveira, 25, estudante

“Excelente grupo teatral com bastante credibilidade e pessoas com experiência e corações realmente envolvidos no meio artístico.”

Héria de Fátima Pereira Brum, 44, professora

“Conheço o grupo do meu tempo de Faculdade e através da imprensa. Admiro pela resistência.”

Maria de Fátima Ferreira, 50, professora

“Acho o grupo ótimo, sempre inovando e surpreendendo com a maravilha dos espetáculos.”

Maria Eugênia de Souza, 71, do lar

“Admirável o trabalho realizado pelo grupo, uma vez que ajuda a desenvolver talentos e divulgar à cultura.”

Silvia Augusta do Nascimento, 41, professora

“Irreverência, inteligência, compromisso com a cultura: elementos sempre presentes nas peças deste grupo tão querido.”

Camila Santos, 20, estudante

“A realidade de nossas vidas foi contada nesse palco. Obrigado por abrirem nossos olhos.”

José Bazílio, 39, cobrador

“Grupo indispensável à complementação da cultura de Juiz de Fora. Extremamente criativo e crítico.”

Pamella Carolina Pacheco, 23

## Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação

apresenta

### *Erguei as mãos!*

Emília

Artur

Atanásia

Simão Zeloti

André Zacarias

Judas Ex Cariotes

Márcia Falabella

José Luiz

Fátima Amorim

Tiago Vitor

José Eduardo Brum

Júlio Andrade

Iluminotécnica

Sonotécnica

Programa sonoro

Cartaz

Figurino

Cenotécnica

Luciano Torres

Augusto França/Táscia Souza

Jocemar de Souza

Augusto França

Malu Ribeiro

Maristela Meireles

Rafael Jacques

Vinicius Alvim

Vinicius Steinbach

Cenário, iluminação,  
trilha sonora e direção

José Luiz Ribeiro

Apoio: Augusto França, Franciane Lúcia, Igor Grizende, Jacqueline Glauber, Marcelo Martins, Nara Mourão, Táscia Souza, Virgínia Fonseca e Vitor Campanha.



## OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr.Getúlio,sua vida e sua glória	Dias Gomes/F.Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol

Fausto  
Girança  
A casa de Bernarda Alba  
Grito mudo  
As aventuras do tio Patinhas  
A aurora da minha vida  
Canga  
O mercador de Veneza  
O santo milagroso  
Rasto atrás  
Era sempre primeiro de abril  
Todomundo  
Édipo-Rei  
O burguês fidalgo  
Vereda da salvação  
Il teatro comico  
Como se come um homem  
A torre em concurso  
O homem e o cavalo  
A escada de Jacó  
Cervantina  
O devoto  
O príncipe rufião  
Viva a Nau Catarineta  
Os ossos do barão  
Girança (II)  
O último portal  
Botanágua  
A Trupe da Paz  
Senhora na Boca do Lixo  
Zé das Cova e Dona Morte  
O Círculo de Giz  
O Canto do Cisne  
A Fábula dos Destino  
Visitando Volpone  
A Tempestade  
Adoráveis Canalhas  
Erguei as mãos

Goëthe  
José Luiz Ribeiro  
Garcia Lorca  
José Luiz Ribeiro  
Augusto Boal  
Naum Alves de Souza  
José Luiz Ribeiro  
William Shakespeare  
Lauro César Muniz  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Sófocles  
Molière  
Jorge Andrade  
Carlo Goldoni  
S. Mrozek  
J. Manuel de Macedo  
Oswald de Andrade  
José Luiz Ribeiro  
Miguel de Cervantes  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Altimar Pimentel  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
Brecht/Ribeiro  
Anton Tchekhov  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
William Shakespeare  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro

## AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF:

Prof. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Pró-Reitor de Cultura:

Prof. José Alberto Pinho Neves

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 41 anos, perceberam que o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

García Lorca